PROGNÓSTICO DE SAFRA

Otimismo com os pés na terra

Ao início de agosto, quando o plantio da primeira safra de milho da temporada 1996/97 no Centro-Sul ainda não havia se iniciado, o Ministério da Agricultura divulgou que a nova colheita total do produto deverá chegar a 38 milhões de toneladas. Caso esse volume se concretize, estará configurado novo recorde, quase 6% acima dos 35,9 milhões de toneladas contabilizados pelo IBGE para a temporada 1994/95, o maior patamar histórico já obtido.

Obviamente, a estimativa de uma colheita recordista do milho, na temporada 1996/97, se apóia no aumento da área e/ou do rendimento físico da cultura. Seria de bom alvitre examinar as perspectivas existentes até o momento no que diz respeito a esses dois elementos, de forma a avaliar a real possibilidade de que a elevada expectativa se confirme.

A incerteza quanto à liberação dos recursos governamentais de custeio tem sido um dificultador do plantio do milho em 1996/97.

É claro que, ao milho, sempre será reservada uma área de plantio compatível com as necessidades da alimentação não só dos rebanhos domésticos, como também da própria família do agricultor. Principalmente nas pequenas propriedades, a presença do grão prescinde de políticas específicas de apoio ou desestímulo, garantindo-lhe a manutenção de área cultivada pelo menos compatível com essas necessidades básicas.

Já é tradição que ocorra aumento da área semeada, quando a comercialização do produto da safra imediatamente anterior se revela lucrativa aos agricultores e vice-versa. Essa reação se verificou, por exemplo, na primeira safra de milho 1995/96 do Centro-Sul do país, cuja extensão semeada, quase 7% menor do que a precedente, derivou da grande insatisfação gerada pelos preços recebidos em 1994/95.

Condicionantes do desempenho da safra

Dado que o preço médio real recebido pelos produtores do Centro-Sul foi, de março a junho últimos, 14% maior do que o de um ano antes, fica claro que, por esse indicador, deverá haver maior dedicação ao cultivo do milho na primeira safra da temporada 1996/97 do que há um ano.

Mas a previsão quanto ao interesse por esse plantio não pode ser tão simplista a ponto de considerar apenas o fator preço. Há outros quatro condicionantes que, *correndo por fora*, deverão gerar reflexos sobre a semeadura da próxima safra de verão.

O primeiro deles diz respeito à concorrência por parte da soja nas propriedades de maior porte. Nestes estabelecimentos, a opção entre ambos os produtos se dá em bases unicamente comerciais, sendo que a leguminosa leva a vantagem de uma comercialização muito mais organizada, não raro com a certeza quanto à venda do produto antes mesmo da colheita. Este fato, quando aliado a uma eventual obtenção de bons preços na venda do ano precedente, revela-se muito prejudicial ao milho, cuja comercialização desorganizada tem representado um entrave para o desenvolvimento de seu perfil comercial.

No que diz respeito às vendas da soja na temporada 1995/96, os resultados foram muito compensadores, sendo o seu preço médio real no Centro-Sul, entre março e junho últimos, 80% maior do que o de um ano antes.

Além disso, muito mais do que o milho, a sojicultura brasileira é extremamente sensível aos movimentos do mercado internacional. A possível manutenção das cotações internacionais favoráveis da leguminosa para 1997 sugere um amplo interesse interno em seu próximo plantio.

O segundo fator, já detectado como dificultador do plantio do milho em 1996/97, tem sido a incerteza quanto à liberação dos recursos governamentais de custeio. Esta postura cautelosa do produtor vem a reboque das dificuldades creditícias observadas há um ano e dos complicadores representados pelo atual déficit fiscal elevado do governo. Embora o anúncio oficial tenha sido de uma disponibilidade de quase R$6 bilhões para o custeio da atual safra de verão, o meio rural tem posto em dúvida a existência deste montante, ainda não disponibilizado cerca de um mês após o anúncio oficial. Considerando-se que ainda é baixa a capacidade de autofinanciamento dos plantadores de milho, pode-se esperar que a próxima semeadura venha a sofrer as conseqüências de uma utilização aquém do recomendável de insumos modernos.

O penúltimo fator — os altos preços que os insumos vêm alcançando no campo — é menos um empecilho direto ao plantio do milho do que um dificultador para o bom resultado da safra. As menções a esse respeito se repetem em praticamente todas as regiões plantadoras, além de se relatarem *apertos* nos prazos para pagamentos concedidos pelas empresas ofertantes desses produtos. Em termos da região Centro-Oeste, por exemplo, registraram-se aumentos nominais de

preços de 20% (no caso de fertilizantes) a 50% (para o sulfato de amônia).

O quarto e último fator diz respeito à interferência que a retomada da lavoura do trigo em 1996 poderá ter sobre o próximo plantio do milho. Isto porque a ascensão dos preços internacionais, ao gerar maior interesse pelo plantio tritícola, levou a que sua semeadura se estendesse além do período normal na região Sul do país. Conseqüentemente, a colheita mais tardia deverá induzir ao abandono do milho como opção de plantio de verão, abrindo novo espaço para a soja.

Brasil — produção de rações comerciais — total e por segmentos
1994 a 1996 — em mil t

Segmento	1994	1995	1996[P]
Avicultura	12.758,60	15.128,00	16.236,00
Corte	10.563,30	12.383,00	nd
Postura	2.195,30	2.745,00	nd
Bovinos	1.106,60	1.050,00	1.239,00
Pet food	222,80	380,00	450,00
Suínos	6.985,30	6.801,00	7.481,00
Eqüinos	187,70	225,00	264,00
Outros tipos	507,50	189,40	200,00
Total	21.768,50	23.773,40	25.870,00

Fontes: Anfar, Sindirações, Apa, ABCS.
[P] Previsão.
nd: Não-disponível.

Esperando para ver

De qualquer forma, as primeiras informações provenientes das áreas que tradicionalmente semeiam milho no Centro-Sul dão conta de que a temporada 1996/97 não deverá repetir o pessimismo que caracterizou o plantio no ano passado. Isto já seria de prever diante dos números relativos à segunda safra de 1995/96, que refletiram a satisfação dos produtores com os patamares de preços verificados durante a comercialização da primeira safra. Em julho último, a Conab avaliou que a segunda colheita deverá chegar a 3,7 milhões de toneladas, recorde histórico e 6% acima do verificado em 1995, exclusivamente devido ao avanço na área colhida.

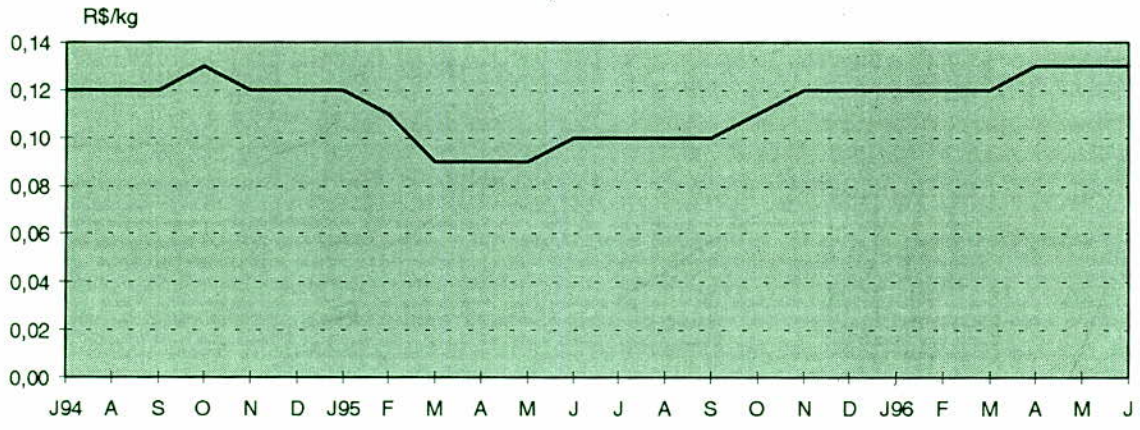
Por outro lado, não se pode deixar de levar em conta que a comparação entre os números projetados para a próxima safra e aqueles referentes à de 1995/96 pode induzir otimismo injustificado. A última safra sofreu tanto com o desinteresse dos produtores quanto com grandes perdas causadas por fatores climáticos no extremo sul do país. Isso significa que um eventual avanço na área semeada no Centro-Sul, na primeira safra de 1996/97, não deverá ser considerado relevante a não ser que ultrapasse 7%, percentual a partir do qual ter-se-ia área superior à de 1994/95.

Consumo para arraçoamento

Dado que pouco menos de 80% do consumo brasileiro de milho se dão via arraçoamento, e que o rebanho avícola de corte e postura absorve 60% da produção de rações comerciais, vale tentar uma projeção da demanda das aves para 1997, para ter uma idéia tanto da futura necessidade interna do cereal quanto da possibilidade de que seja satisfeita. Afinal de contas, desde o início da presente década a produção total de rações vem crescendo à taxa média anual de 9%, e se responsabilizando pelo consumo médio de pouco mais de 12 milhões de toneladas de milho/ano.

Embora ainda seja muito cedo para exercer qualquer futurologia confiável na produção de frangos de corte para o próximo ano, o que já se sabe é que o setor tem demonstrado um aumento na capacidade de reação às variações dos preços do milho e da soja. Tal característica certamente deriva da paulatina concentração da oferta comercial dos animais junto às grandes integrações, cuja visão empresarial mantém sob cons-

Milho — Paraná — preços reais recebidos pelos produtores
Julho de 1994 a junho de 1996



Fonte: CEA/IBRE/FGV.

tante monitoração os movimentos tanto da oferta dos insumos quanto das tendências da demanda de carne.

Não causa espécie, portanto, que a projeção do plantel de matrizes de corte com meses de final de postura entre janeiro e outubro de 1997 seja 2% inferior ao cálculo feito para os mesmos meses de 1996. Como ainda não se sabe a extensão do plantel cujo início de postura se dará ao longo do próximo ano, o que se pode apontar é a tendência de queda de produção vista por uma das pontas da avaliação estatística.

Pelo lado da avicultura de postura, sabe-se que o alojamento de poedeiras comerciais de setembro de 1994 a maio de 1996 (aves cujo início de produção de ovos se dará ao longo do próximo ano) foi 7% inferior ao número de cabeças alojadas entre setembro de 1993 e maio de 1995 (que começaram a produzir ovos durante 1996). Em outras palavras, há uma tendência a restringir a oferta de ovos no próximo ano.

Este ambiente cauteloso por parte da avicultura brasileira faz imaginar que sua pressão sobre a oferta do milho em 1997 possa vir a ser moderada, a exemplo do ocorrido durante o presente exercício. Parece adequado esperar a repetição, em 1996/97, do avanço de 4% que fora estimado para o consumo total de milho em 1995/96 , passando-se para algo próximo de 39,5 milhões de toneladas.

Neste caso, considerando o estoque de passagem previsto pela Conab em 3,7 milhões de toneladas como reserva para a formação do futuro estoque final, e imaginando-se que a safrinha de 1997 repita os 3,7 milhões recém-obtidos, seria necessária uma produção da ordem de 35,8 milhões de toneladas na primeira safra. Para tanto, se o rendimento físico da cultura voltar ao patamar *normal* de 3t/ha, a área ocupada com o milho teria que chegar a 12 milhões de hectares, o que seria plenamente factível, levando em conta estatísticas passadas, referentes a plantios posteriores a uma comercialização considerada vantajosa pelos agricultores.

Deve-se apenas atentar para o fato de que seria muito mais confortável para o país vir a contar com um estoque final de milho superior àquele apontado, na medida em que ele equivale a pouco mais de um mês de consumo comercial. Além do mais, seria bom que houvesse uma folga para eventuais exportações do grão. Afinal, a previsão do USDA, em meados de agosto último, de que os estoques finais mundiais de milho para a temporada 1996/97 serão praticamente idênticos aos 61,7 milhões de toneladas registrados em 1995/96 leva a crer que os bons preços internacionais do cereal deverão manter-se, pelo menos durante parte do próximo ano.

IRENE RAGUENET TROCCOLI

SOJA

PROGNÓSTICO DE SAFRA

Cotações continuam elevadas

A apertada situação do balanço mundial de oferta e demanda do complexo da soja e o fato de os preços internacionais terem, este ano, superado a média histórica levam a crer que os sojicultores brasileiros adotarão um posicionamento otimista, ampliando a extensão de suas lavouras.

De acordo com a publicação alemã *Oil World*, as 10 principais oleaginosas, em âmbito internacional, tiveram crescimento de 5,2% na produção no primeiro trimestre de 1996, contra 9%, no mesmo período de 1995. O complexo da soja apresentou diferentes comportamentos. No início deste ano, verificou-se arrefecimento da demanda do farelo, o que pode reduzir o esmagamento total, mas a demanda do óleo deve aumentar.

O que teve destaque, porém, foram os preços do grão, que chegaram a US$299,70, entre janeiro e março e, no ano passado, estiveram, na mesma época, em US$242,30. Os do farelo, comparativamente, passaram de US$181/t para US$253/t. Desde dezembro passado, o preço médio do grão, em Chicago, sempre esteve acima de US$7/bushel. Em abril, alcançaram o nível mais alto em sete anos, com US$8/bushel, em resposta ao relatório do USDA, de 29 de março, que diminuiu os estoques de milho e de soja.

O mercado apresenta, há meses, a configuração de *climático*, ou seja, vem sendo afetado pelo comportamento do clima sobre as plantações norte-americanas, que foram cultivadas com atraso. Nos estados de Indiana e Illinois, que têm 30% dos plantios de soja e de milho, plantou-se, até julho, apenas a metade do normal para a época. A colheita começa em setembro, prevendo-se, até o momento, que se terá uma produção de bom tamanho.